

O Homem que Matou Bonnie & Clyde

A história de um casal de bandidos que espalhou terror e morte no Sudoeste dos Estados Unidos nos primeiros anos da década de 1930 e do texano grandão que pôs fim à sua odisséia assassina

JOHN REDDY

NUMA MANHÃ nevoenta de janeiro, no ano de 1934, um destacamento de presos saiu apàticamente do Presídio Estadual Agrícola do Leste do Texas para trabalhar nos campos contíguos. De repente, à frente dêles, um homem e uma mulher surgiram da néblina e abriram fogo. Um dos guardas caiu, mortalmente ferido. Cinco dos condenados correram pelo mato molhado atrás da dupla até a um carro escondido no leito de um rio das vizinhanças. Os sete amontoaram-se no carro e desapareceram no nevoeiro.

A audaciosa fuga fôra planejada

pelos famigerados Clyde Barrow e Bonnie Parker para libertarem um amigo, Raymond Hamilton. Durante mais de dois anos, Bonnie e Clyde tinham vivido num verdadeiro delírio de crimes pela região sudoeste dos Estados Unidos, desafiando os esforços do FBI, das polícias locais e estaduais e até da Guarda Nacional para capturá-los. A morte do guarda da prisão elevou para 12 o número de suas vítimas, a maioria delas representantes da lei, e desencadeou um clamor crescente pela sua captura. E pôs no seu encalço um notável agente da lei: Frank Hamer,



Cap. Frank Hamer

capitão reformado dos Rangers texanos.

Sòzinho na Pista

DURO E independente como um búfalo, o gigantesco Hamer media 1,90 de altura, pesava mais de 90 quilos e tinha braços e punhos rijos como carvalho, desenvolvidos pelo trabalho na forja do pai. Quando rapazinho vivera como os índios, os quais admirava, caçando e cavalgando nas colinas da região de San Saba, apurando a vista, o olfato e o ouvido, às vèzes passando dias seguidos fora de casa, dormindo no chão. Aos 22

anos, quando entrou para os Rangers, era um cavaleiro estupendo, capaz de jogar uma faca com precisão mortal, e logo ganhou fama de ser uma das melhores pontarias do Texas. Apesar de sua perícia, êle raramente recorria à sua arma. Sua maneira habitual de lidar com desordeiros era uma bofetada com a mão aberta.

Policial dedicado, êle era, não obstante, um solitário que preferia seguir os criminosos sòzinho, em vez de trabalhar em equipe. Aposentou-se em 1932. Mas quando, dois anos depois, o superintendente das prisões do Estado do Texas perguntou a Hamer, então com 50 anos, se aceitaria perseguir Bonnie e Clyde, êle concordou. Foi nomeado membro da patrulha rodoviária do Texas e, em 10 de fevereiro de 1934, iniciou sua caçada solitária.

Hamer nunca tinha visto nenhum dos dois, e tratou de aprender tudo o que pudesse a respeito. Ficou logo evidente que sua trajetória era marcada por violência quase desde o dia em que seus caminhos se cruzaram.

Odisséia de Crimes

QUANDO se encontraram pela primeira vez em Dallas, em 1930, Bonnie tinha 20 anos e Clyde 22. Casada aos 16 anos, Bonnie fôra abandonada pelo marido e trabalhava como garçõete. Filho de um lavrador meeiro analfabeto, Clyde largara a escola no curso primário e desde então reve-

lou-se alérgico a trabalho pesado. Pouco depois do encontro dos dois, Clyde foi prêso em Waco, confessando dois arrombamentos e cinco furtos de automóvel. Em visita à prisão, Bonnie passou-lhe um revólver que trazia escondido no *soutien*. Clyde fugiu, foi recapturado e cumpriu dois anos na prisão estadual do Texas, em Huntsville.

Novamente junto de Bonnie, em Dallas, Clyde (menos dois dedos de um pé que decepara para escapar do trabalho na prisão) descobriu que ela, uma môça frágil com 40 quilos de pêso, compartilhava seu entusiasmo por armas de fogo, carros velozes e emoções fortes. Eficiente tanto com espingarda como com revólver ou metralhadora, êle treinou Bonnie até ela chegar a atirar tão bem como Annie Oakley, famosa personagem do "far-west". Uma semana depois de se associar a ela, Clyde e dois companheiros mataram um homem num assalto em Hillsboro. Pouco depois, Clyde e Hamilton mataram dois policiais num baile em Atoka, Estado de Oklahoma.

Assim começou a odisséia sangrenta que acabaria colocando Hamer no rasto de Bonnie e Clyde. Êles haviam enfeitado a crescente auréola de lenda que os envolvia com seu talento para dramatização. Bonnie contava em maus versos suas façanhas medonhas. Adoravam fotografar-se um ao outro fazendo palhaçadas com armas de fogo ou fumando enormes charutos, e enviavam os instantâneos para os jornais.

Hamer estudou essas fotos, entrevistou gente que conhecia os dois e seus hábitos—como se vestiam, que tipo de uísque bebiam, suas tatuagens. Ficou sabendo da habilidade de Clyde para dirigir centenas de quilômetros à noite, em estradas esburacadas do interior, assaltando um banco no Texas num dia e uma loja no Kansas no outro. Freqüentemente a dupla caçoava amavelmente com suas vítimas, como se tudo não passasse de brincadeira. Bonnie às vêzes chegava a beijá-las. Mas Hamer nunca esquecia que ambos eram exímios atiradores que saíam disparando à vista de um policial.

Hamer soube também que Clyde parecia ter um sexto sentido animal do perigo iminente.

Certa vez, êles estavam escondidos em Joplin, Estado de Misúri, com o irmão mais velho de Clyde, Buck, pôsto em liberdade condicional hávia pouco tempo, a espôsa dêle, Blanche, e W. D. Jones, um delinqüente de 16 anos que Clyde conhecera em Dallas. Quando preparava com Jones o terreno para nôvo assalto, de repente Clyde teve um de seus pressentimentos.

—Está no ar—disse a Jones.—Sinto-lhe o cheiro.

Clyde voltou ao esconderijo e pôs o carro na garagem. No andar de cima Bonnie escrevinhava seus versos, "A História do Suicida Sal", enquanto o feijão fervia no fogão. De repente, as balas da polícia começaram a espatifar as vidraças. Barrow e Jones responderam ao fogo

da garagem, enquanto Bonnie atirava do andar de cima.

—Entrem no carro!—gritou Clyde.

Blanche, aterrorizada, fugiu. Os demais pularam no carro e lançaram-se para fora da garagem disparando suas armas, e recolheram Blanche dois quarteirões mais adiante. Dois policiais tinham ficado mortos atrás deles.

Golpe Mortal

A DESPEITO dessa habilidade quase milagrosa para escaparem a bala de armadilhas, a sorte estava começando a abandonar Bonnie e Clyde. Correndo em alta velocidade por uma estrada do Texas, o carro deles capotou e incendiou-se. Bonnie ficou terrivelmente queimada. Mas nem isso interrompeu as violências. Assaltaram mais uma dúzia de bancos, com Bonnie recostada no banco traseiro do carro, a arma aninhada nos braços enfaixados; Clyde tinha de ampará-la tôda vez que se dispunham a executar outro assalto. Iam de crime em crime, de Estado em Estado, trocando carros roubados e mudando as placas no caminho.

Nessa altura já havia polícia por todo o Sudoeste dos Estados Unidos atrás deles. Em julho de 1933, Bonnie e Clyde escaparam incrivelmente de ciladas da polícia perto de Platte City, Misúri, e Dexter, Iowa, mas Buck e Blanche foram capturados—Buck veio a morrer poucos dias depois em consequência de ferimentos recebidos. O jovem Jones, com os

nervos em frangalhos, fugiu para o Texas, onde também foi capturado. Sòzinhos agora, Bonnie e Clyde viviam o tempo todo no carro, estacionando à noite em estradas pouco movimentadas.

Quando a sorte deles parecia no nadir executaram a fuga da prisão do Texas. Dois dos fugitivos—Hamilton e Henry Methvin—uniram-se a eles numa nova onda de assaltos. Foi quando começou a caçada que levaria Hamer a percorrer milhares de quilômetros através de nove Estados. Como Bonnie e Clyde, Hamer praticamente morava no próprio carro, percorrendo solitárias estradas rurais. Descobriu a pista deles pela primeira vez em Texarcana; e então, quando êle parecia estar chegando perto, no Domingo de Páscoa de 1934, os dois atacaram de nôvo à sua maneira fulminante.

Tendo estacionado o carro numa estrada solitária perto de Grapevine, Texas, Clyde dormitava no assento traseiro e Methvin montava guarda, quando dois policiais de motocicleta pararam para investigar.

—É a polícia—sussurrou Bonnie, acordando Clyde com uma sacudida.

—Fogo nêles!—gritou Clyde para Methvin.

E o foragido abriu fogo, matando os dois instantâneamente. A 6 de abril, perto de Commerce, Oklahoma, o bando (menos Hamilton, que havia desertado depois de brigar pela partilha do dinheiro de um assalto a um banco) juntou o que se acreditava ser a 15.^a vítima à sua contagem.

Numa Estrada Solitária

Pouco depois chegou a oportunidade esperada por Hamer. Soube que o bando às vezes visitava o pai de Methvin em Luisiana. Ao interrogar o velho Methvin, Hamer achou-o extremamente aterrorizado com Bonnie e Clyde. Nesse estado de espírito, o velho concordou em ajudar a preparar-lhes uma cilada em troca de indulgência com seu filho. Henry dissera ao pai que, se o bando algum dia se separasse, eles deveriam encontrar-se num trecho solitário de estrada perto de Arcadia, em Luisiana. Na próxima vez que o trio visitou Methvin, o pai chamou o filho à parte e contou-lhe o plano de Hamer para capturar Bonnie e Clyde. Henry concordou em armar a cilada, desaparecendo na primeira oportunidade.

A oportunidade apresentou-se na manhã seguinte. Bonnie, Clyde e Henry foram de carro até Shreveport e o jovem Methvin entrou numa loja para comprar mantimentos. Vendo que ele não voltava, Bonnie e Clyde pensaram que se tivesse assustado com alguma coisa e foram embora. Voltaram para o velho Methvin e disseram-lhe que ficasse à espera de Henry e se encontrasse com eles no dia seguinte no lugar marcado em Arcadia. Methvin passou a informação a Hamer.

Naquela noite, Hamer, o xerife local Henderson Jordan e mais quatro policiais armados esconderam-se sob alguns galhos de pinheiro perto

do local onde a dupla devia encontrar-se com Methvin. Decidiram apanhá-los vivos, a menos que Bonnie e Clyde tentassem puxar das armas.

Amanheceu e nem sinal dos bandidos. Alguns carros e caminhões carregados com toras de madeira passaram na quietude da manhã. Agachados sob os galhos de pinheiros orvalhados, os policiais estavam gelados até aos ossos. Então surgiu um caminhão, guiado pelo velho Methvin. Ordenaram-lhe que retirasse uma roda como para consertar um pneu furado. Pouco depois das nove horas, quando Hamer já começava a desconfiar que Barrow tivesse mais uma vez farejado a armadilha, foi ouvido um carro se aproximando a alta velocidade. Ao volante vinha Clyde, de óculos escuros. A seu lado estava Bonnie, de vestido vermelho. Pararam com uma derrapada.

—Pneu furado?—perguntou Clyde.

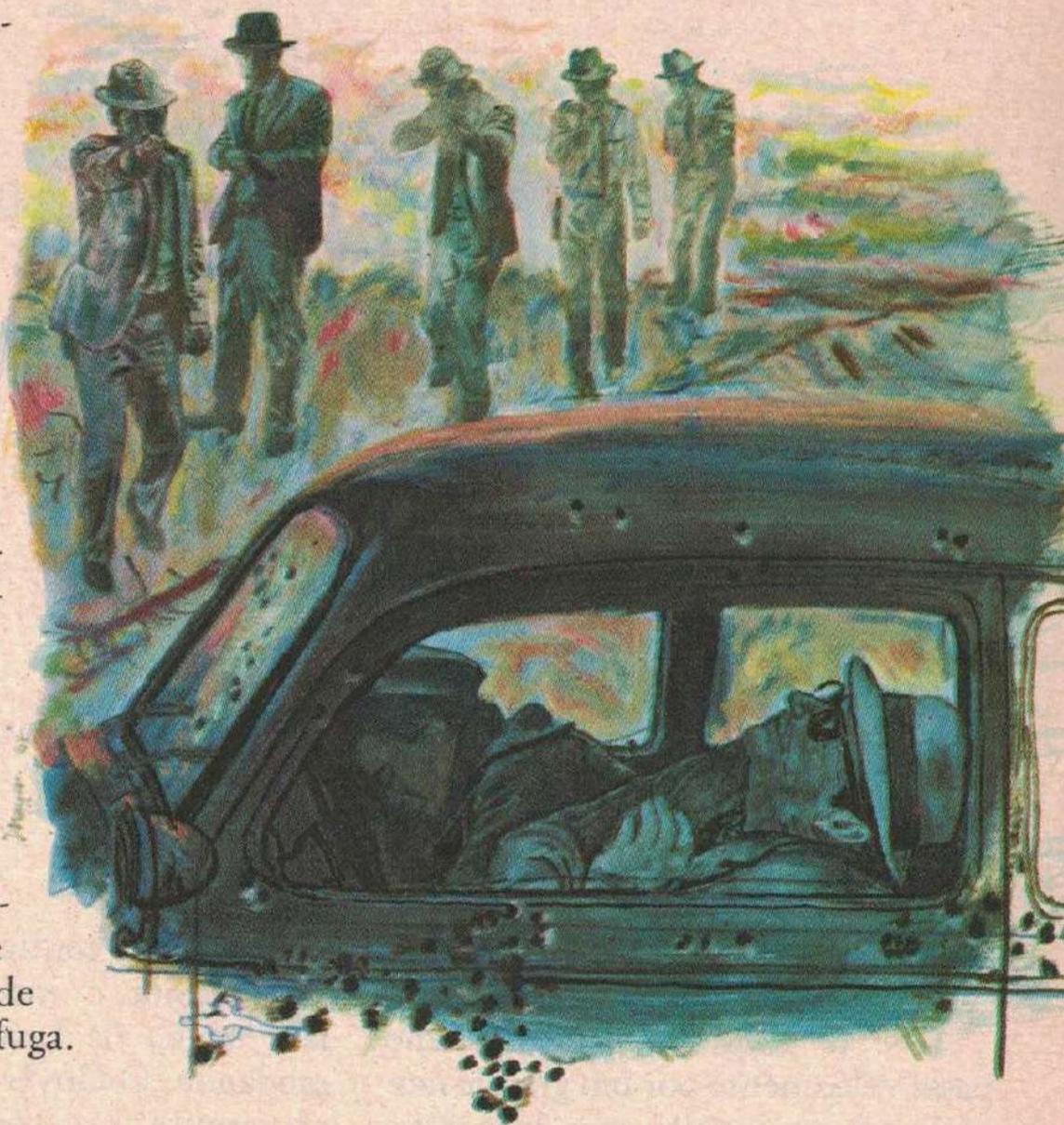
—É—respondeu Methvin.—Vocês encontraram Henry?

Nesse momento, os policiais apareceram. Ao grito de “mãos ao alto, Clyde! Vocês estão cercados!”, Clyde pisou no acelerador e ele e Bonnie levaram as mãos às armas. Uma rajada destruidora partiu da polícia.

Crivado por 107 furos de balas, o carro rolou por um declive e parou contra um atêrro. Hamer e os outros saíram de armas na mão, mas Bonnie e Clyde estavam mortos. O carro continha um arsenal impressionante: três fuzis automáticos, duas

espingardas de cano cortado, nove pistolas, um revólver, 100 pentes de metralhadora com 20 cartuchos cada, e mais de 3 000 cartuchos de outra munição. Uma espingarda com sete incisões estava entre os joelhos de Clyde; Bonnie usava uma pistola com três incisões.

Foi essa a única herança tangível que ficou para Bonnie e Clyde dos anos terríveis de sangue, terror e fuga.



ESTALOS. Frase ouvida num ônibus: “Quando eu adquiri experiência para saber onde pisava, descobri que não estava mais pisando” (R. A.) . . . Espôsa explicando o cansaço do marido: “Êle trabalhou muito hoje. O rapaz que êle explora no escritório faltou” (J. M.)

AH-VISOS. Num caminhão do Exército: “Vende-se. Só teve um dono” (M. B.) . . . Em enfermaria de maternidade: “Não insista. Não fazemos trocas” (T. G. e M. K.)

VOCÊ SABIA? Para um casal hippie estar na moda é preciso que o cabelo dêle seja do comprimento do vestido dela (B. S.) . . . Hoje as crianças viajam mais para ir à escola do que seus antepassados viajavam para gozar férias (G. N.)